

# O Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário \* 17 de Dezembro de 1977 \* Ano XXXIV — N.º 881 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NATAL

Será o meu terceiro Natal africano...

No contacto desta Igreja em busca da Sua identidade, tem um sabor mais profundo o Mistério da Encarnação. Senti-o

hoje nas três aldeias aonde fui celebrar a Eucaristia e pregar a preparação do aniversário de Jesus numa linha de encontro com Ele, a realizar pelo esforço de O conhecermos melhor

para um amor maior e mais comprometido.

Ele fez-Se em nós: naquele tempo, no contexto concreto da nação judaica; hoje e sempre, pronto a encarnar nas formas naturalmente rectas de qualquer Povo. Ligar o cristianismo a uma determinada civilização é um atrevimento e estultícia. A própria missão terá sido prejudicial a fragilidade de uma mística de encarnação na vida dos Povos a quem os missionários foram enviados. Primeiro, conhecer a sua alma natural; depois, assumi-la em todas as suas potencialidades passíveis de cristificação. O Senhor «veio na humildade da natureza humana», «viveu a nossa condição em tudo igual a nós, excepto no pecado». Só este é estorvo à encarnação. E o pecado não é característica dos povos ou civilizações, mas mal congénito em todos os homens que, neste ponto essencial, são verdadeiramente iguais. Onde o pecado não é ou se remove,

*Em sua candura, os filhos do «Melor», de Benguela, exprimem magnificamente o significado do Natal.*



pode ser Cristo. Ele nasceu de Maria Imaculada, mas veio viver com os pecadores, veio por causa deles e dispõe-Se a exertar do divino tudo que é perfeitamente humano, a reconhecer na Eternidade todos os verdadeiros valores temporais jogados na construção da Justiça e da Paz.

O mistério da Encarnação dissolve definitivamente o preconceito, ainda tantas vezes detectado, de um Céu contra a Terra. Em Cristo o Céu tocou a Terra e abriu-nos o caminho do regresso. É o caminho da Salvação, o destino primitivo de que nos perderamos em Adão, do qual ficou na alma do Homem uma nostalgia que terá levado à tentação de Babel... Porém, nenhuma torre subirá ao Céu sem que d'Ele, primeiro, tenha descido. Cristo «veio realizar o eterno designio do amor do Pai». Abriu o caminho; oferece-nos a Sua fecundidade para que a nossa terra possa dar seus frutos. Ao Homem importa aceitar o dom de Deus — a sua felicidade. E, na posse dela, crescente ao longo da caminhada, está já seguindo a rota que o Verbo traçou ao encarnar. O troço horizontal é marcado pela contradição. Jesus, na Sua vida temporal, avançou para a meta: «a Sua hora» — a Cruz. O Homem partirá da Cruz, com a força-viva que só

Cont. na 3.ª pág.

### MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO

É o segundo volume do DOUTRINA, que contamos principiar a expedi-lo na quadra natalícia para todos os assinantes da nossa Editorial.

Desejaríamos que fosse prenda de Natal para todos os nossos Amigos, para quantos se deliciam com a prosa ímpar de Pai Américo.

Ele já poderia estar na rua, é certo. Mas aguardá-mos pacientemente que a offset entrasse em funcionamento. A última edição de O GAIATO e a capa do DOUTRINA foram, assim, as primícias da nova unidade.

O segundo volume do livro DOUTRINA é uma recolha e selecção de textos de Pai Américo publicados em O GAIATO do n.º 120 de 2 de Outubro de 1948 ao n.º 212 de 12 de Abril de 1952.

Entretanto, contamos próximamente enviar no seio de O GAIATO um postal RSF para, assim, motivarmos os Amigos ainda não inscritos em nossa Editorial. É uma

Cont. na 3.ª pág.

## Aqui, Lisboa!

*«Com licença dos Bispos, vão pelas igrejas e apresentam-se ousadamente como padres sem oiro nem prata.»*

Temos andado pelas igrejas de Lisboa a pregar e a pedir. O acolhimento que nos tem sido prestado está longe de se poder traduzir em palavras. Vamos continuar com esta faina, tão difícil como desgastante, partilhando a Palavra de Vida, para que, todos «acordados», de mãos dadas, possamos assumir as responsabilidades que nos cabem. Por outro lado, as dificuldades materiais da Casa, com quase cem Rapazes a seu cargo e o aumento crescente do custo de vida, obrigam-nos a não esquecer as palavras de Pai Américo: «O fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza. Os «padres da rua» são mendicantes; padres pobres ao serviço de uma Obra pobre. Sempre que for necessário, saíam a mendigar de porta em porta e recebam, por amor de Deus, tanto o sim como o não».

Enquanto Deus nos der forças não deixaremos de denunciar as injustiças deste mundo; de procurar incutir o sentido de coerência entre aquilo que se diz ou pensa ser e o que se é; e de animar os tímidos ou de acordar os instalados

ou sonolentos. Só assim, sem linguagem sofisticada, antes directa ou incisiva, cumprimos o nosso dever e receberemos, também, o ânimo indispensável para continuarmos o trabalho que Deus e os homens nos confiaram. É preciso que se diga, no entanto, às pessoas que nos ouvem ou lêem, que nos considerem apenas como homens vulgares, embora de boa vontade, sem dúvida. Pensar ou dizer o contrário de nós seria um mau serviço, que nada nos ajudaria na missão que escolhemos. Escrevemos estas palavras perfeitamente conscientes das nossas limitações e fraquezas, para que não nos julguem melhores, mas apenas, isso sim, apaixonados dos Homens e de Cristo, nosso Senhor e único Mestre. O oposto seria contraproducente a todos os títulos.

● No momento em que escrevemos passamos por uma grande preocupação, a juntar às que, naturalmente, são o pão-nosso-de-cada-dia numa comunidade deste tipo. A única Senhora que temos ao serviço dos Rapazes sofreu um enfarte do miocárdio e encontra-se hospitalizada. Esperamos que recupere mas sentimos que,

Continua na QUARTA página

## DOUTRINA

O profeta Isaias anunciando Jesus Cristo que há-de vir — e já veio para nós — fala do amor e da justiça como hão-de ser tratados os infelizes e o povo humilde. Os violentos e os ímpios hão-de ser chicoteados e exterminados.

Jesus Cristo já veio. E veio para construir um Reino de paz e amor. Um Reino em que todos se deixem animar e conduzir pelo Espírito do Senhor. Cada homem a construir este Reino, construindo a paz. A paz em cada um. A paz com o mais próximo. A paz na família. A paz no mundo todo. A construção da paz depende da paz de cada um.

E a palavra de S. Paulo dirigida naquele tempo aos cristãos de Roma, e hoje dirigida a cada um de nós, compromete-nos na construção deste Rei-

no. Nós cristãos somos os mais comprometidos a dar já testemunho desta vivência em paz. «Acolhei-vos uns aos outros como Cristo vos acolheu.»

E o Evangelho apresenta-nos João Baptista a falar ao seu povo: «Convertei-vos; preparai o caminho do Senhor».

João Baptista, apesar de figura rude e exigente, repellido por muitos dos que se julgavam grandes, tem acolhimento dos mais humildes. Muitos vêm ao seu encontro, confessam seus pecados e são baptizados. Procuram o caminho do Senhor. A rudez e exigência deste homem arrasta os homens de boa vontade.

Em todas as épocas da história humana Deus tem enviado mensageiros a Seu povo.

Cont. na 3.ª pág.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Malanje

**DESPORTO** — Há muito que O GAIATO não diz nada acerca do desporto na Casa de Malanje! Pois então vou traçar-vos algumas linhas sobre o que temos feito.

Há algum tempo atrás nós estávamos sem actividades desportivas, mas agora queremos e estamos com entusiasmo para avançar. Já realizámos alguns jogos de futebol e temos saído bem.

A equipa de futebol é composta por elementos dos 14 a 17 anos de idade; logo uma equipa de juniores. Temos como avançado o Zé Mário, o nosso goleador, o «Pirata» como barreira na defesa e o Neco, guardião.

Quanto a mais notícias de desporto, caros amigos, esperemos uma melhor oportunidade.

Rui Sansão

## Paço de Sousa

**BAR** — O nosso bar, ultimamente tem parecido mais um pavilhão desportivo! Senão vejamos: mal se acaba de jantar ou almoçar, os nossos mais velhos começam logo a correr para tentarem procurar jogar ping-pong. Também lá está um bilhar, mas como o seu estado não permite ser usado, é ocupado pelos que vão esperando vez no ping-pong, como campo de treino.

Outros, vão vendo televisão, muito ou pouco interessados e, quer queiram quer não, são sempre interrompidos por uma bola que lhes bate na cabeça ou que pára junto dos pés, etc. Tudo isto poderia ser realmente resolvido se houvesse um outro sítio para a mesa de ping-pong...

Enquanto isso, outros saboreiam o café, que, como está caro, é misturado com cevada.

Agora, uma regra usada: «Não fume em recintos fechados». Certo! Por isso nós lá tomamos também, na parede do bar, um cartaz para aviso dos fumadores!

Os galhardetes obtidos nos nossos encontros de futebol rodeiam as paredes do bar. As taças colocadas numa vitrine, onde toda a gente as poderá observar.

Por via do ping-pong, dos galhardetes, das taças, etc., é que digo que o nosso bar mais parece uma sala de desporto!

**BRINCADEIRAS** — «Na hora do trabalho não se brinca!...», apela Júlio para o Zé Manel e Rocha, que andavam com o Armindo a passear. Manel e Zé Manel pegaram-se à bulha! Vim a saber que foi devido ao Manel ter pegado no arco do Zé Manel!

Como Zé Manel tivesse medo que lhe tirassem o arco pegou-se logo de razões...

O que valeu foi o Rui tê-los separado, pois Sampaio é que os iria aturar!

**FESTAS** — Os nossos mais novos, como todos os anos, estão a preparar uma festa, de colaboração com a D. Maria Angélica e P.e Abel, para

várias terras e fábricas onde temos pessoas amigas.

Todos os recreios são ocupados. E vê-los batidinhos a cantar, a recitar e «teatrar».

A coisa parece que promete... Oxalá que seja um sucesso para os mais pequenitos!

**ESCRITORES** — Precisamente na secção de dobragem e envio do jornal aos nossos leitores, Rui entretém-se a dedilhar a máquina de escrever. Júlio apela várias vezes para ir dobrar o jornal. Rui teima! Segundo ele, estava a treinar para quando for grande se dedicar à dactilografia...

Amanhã, acredito, que vamos ter bons escriturários!

**EPIDEMIA** — Este tempo é um perigo!

Muitos dos nossos Rapazes já foram operados às amígdalas, outros aguardam vez. O nosso hospital tem-se mantido sempre uma azáfama constante. Todos os doentes se queixam do mesmo. São as amígdalas.

O Zé Carlos mai-la D. Hortência, andam com os tratamentos p'ra frente e para trás; e o Sampaio, que neste momento é o enfermeiro, comanda as operações.

Temos tido, nestes dias, falta de medicamentos: aspirinas, supositórios, etc. As prateleiras da pequena farmácia foram observadas, uma por uma, a fim de se descobrir alguma coisa. Pedem-se embalagens hospitalares; não há! E nós, cá em Casa, com gente de cama e sem medicação!...

**DESPORTO** — «O Desporto é rei.»

O Atletismo continua na ordem do dia. Desta feita, participámos em várias provas na cidade de Penafiel. E com sucesso.

Vejamos:  
1.500m: 4.º Costa II; 5.º Luís; 11.º Conceição.

3.000m: 2.º Escalreira; 3.º Sérgio; 5.º João Manuel.

6.000m: 1.º Álvaro Candeias; 2.º Manuel de Sá; 7.º Hermínio.

Isto no dia 1 de Dezembro. Em 26 de Novembro houve também as seguintes provas:

300m: 3.º Victor.

500m: 1.º José Pacheco; 2.º Victor Pires; 3.º Barros.

800m: 1.º João Manuel; 2.º Henrique Gonçalves; 3.º Carlos Mendão.

Parabéns para todos os que conseguiram trazer, para Casa, taças, medalhas e a alegria por terem vencido — o que já era de esperar.

Entretanto os atletas prepararam-se para uma nova prova, também para amadores, a disputar na noite de S. Silvestre, na qual esperamos que tenham bons resultados.

«Marcelino»

## Tojal

Neste Mundo em que cada um jura a si próprio ser fiel a uma determinada linha, as coisas não vão nada bem.

Assim vai o Mundo:

A guerra incessante na Ásia. A opressão no continente americano. O

ultraje e a vingança na África. Dois terços da população mundial subalimentada acusando o comodismo europeu. E tantas outras formas descaídas de injustiça social, de esquecimento dos Pobres. «O Mundo é uma bola de algodão...»

Viremo-nos para nós próprios, para o nosso País, o nosso pequeno mundo...

Estamos na quadra de Natal. Quantos sentirão no bacalhau que conseguiram arranjar para a noite de consoada o travo amargo duma vida madrastra? E aqueles que nem ao «fiel» conseguem chegar?!...

«Feliz Natal! Feliz Ano Novo!» Que ironia!...

Feliz como? Se Irmãos nossos continuam a viver à margem, no mais completo esquecimento? Queira Deus que não seja um esquecimento simulado, porque então o pecado será maior!

Feliz como? Se tantos milhares de Irmãos nossos se vêm a braços com a vida depois de haverem sido despojados do que era seu, atirados para o desemprego, passando fome e outras privações, juntamente com as suas famílias?!...

Feliz como? Se a carestia de vida se agiganta dia após dia e sofrem os mais pobres?!...

Feliz como? Se quando seria mais razoável o bom entendimento, o diálogo e o conjugamento de esforços os homens se digladiam entre si?!...

Duma coisa tenho a certeza: não é papagueando que se resolvem problemas.

Mas, como não quero acreditar só nesta vida e como esta não é só o materialmente necessário, desejo para todos um Feliz Natal e que o Novo Ano vos seja propício.

Jorge

## O Homem

O homem é um ser  
Que nem sempre alumia...  
Antigamente era luta,  
Nada se construiu.

Era luta,  
Infelizmente,  
Uma forma de dizer;  
O homem agora tem tudo,  
Pouco consegue fazer!

No mundo em que assentamos  
Com firmeza os pés na terra,  
Que dinheiro o homem gasta  
Só em máquinas de guerra!

O homem é culpado  
De tanta luta existir,  
Desde o princípio da vida  
Pouco soube discernir!

Nesta vida, infelizmente,  
Não há raciocínio nenhum...  
Muitos Homens  
Por todo o mundo  
Ainda morrem de jejum!!

Oh Homens!,  
Não nos demos por derrotados...  
Quando não, dentro de fábricas  
Seremos todos emoldoados...»

Sérgio Lopes Cereja

## Setúbal

**OVELHAS** — «Mais uma ovelhinha!» Foi assim que Nelinho me veio dar a notícia. Ele é o pastor das nossas ovelhas. Os animais, a Natureza e eles!

**VISITANTES** — Era domingo. Os mais velhos saíram. Sr. P.e Zé Maria também não estava. Eu fiquei de «piquete».

De tarde vieram uns senhores visitar-nos. Pelo que vi, eram avós, pais e netos.

Chegaram, entregaram roupas, mimos e um envelope com mil e quinhentos escudos.

Visitaram a Casa e conviveram com os nossos. Era uma chusma deles a mostrar e a acompanhar as visitas. Gostei daquela convivência. Os nossos passaram bem aquele bocado. Que outros venham e vivam... Somos sempre a porta aberta para todos os de boas intenções.

**O NOSSO BEBÉ** — O nosso bebé já anda. Ora na rouparia, ora na cozinha, lá vai dando os seus passeios, sozinho ou acompanhado pelas mãos dos rapazes ou das senhoras. O rei da Casa é negro. Seu irmão Pedro procura não fazer xixi na roupa; e o outro, o Zézé, vai deixando mais de gaguejar. Eis o nosso racismo!...

Ernesto Pinto



**CARAMELOS...** — No primeiro domingo de Novembro, após a Missa em nossa Capela, um grupo de pequenos foram ao nosso encontro, no meio da gritaria.

O Henriquito, mais rápido, chegou primeiro. Como habitualmente começou logo a perguntar se trazíamos alguma coisa para ele. No entanto, chegaram outros. Tirei do bolso um pacote de caramelos. E surgiram pedidos de todos os lados...! Contei o número de presenças. Para dezassete manos só tinha catorze caramelos...!

Formaram logo um círculo à minha volta. Uns diziam: — «Dá-me um». Mas reparei no Paulinho que me pedia metade! Distribuí os caramelos um por um, até que fiquei sem nada. Olhei para três que não receberam: cabeça baixa, ar melancólico. Um era o Henriquito, a choramingar. Bem, lá os consegui alegrar, prometendo que no próximo domingo seriam os primeiros a receber.

«Garrote»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**NATAL** — Vem aí a grande Festa cristã. Por isso, desejamos aos nossos leitores — e tantos são! — votos de Santo Natal e Ano Novo.

Nas vésperas do grande Dia, levaremos a cada um dos Pobres, discretamente, a respectiva consoada. É a vossa partilha. E a nossa presença natalícia.

**ESPINHOS** — A vendedeira ambulante continua sem pensão de velhice! Topámo-la muito aflita: «Precisava... O negócio não dá nada...!»

Entregámos-lhe um rol de notas. E seguiu feliz para o merceiro, não sem contestar, mais uma vez, a seu modo, o compasso de espera da Previdência — que deveria ser providente. Mas, hoje, ainda não se entende assim! O Homem continua juguete da burocracia...

**PARTILHA** — Mogadouro, 100\$00. Idem do assinante 29783, de Viana do Castelo — Oficial do Exército. Távira, 1.000\$00. «Uma Portuense qualquer» manda 150\$00 com um voto que muito apreciamos: «Espero que o Senhor me ajude a aparecer, pelo menos, doze vezes por ano com esta miagalhinha».

Mais 250\$00 de um bom Amigo da Av. Marquês de Tomar, Lisboa. Mais 1.000\$00 de «Uma Figueirense» por alma de sua Mãe. Mais 150\$00 do casal assinante 17022. Mais 100\$00 da assinante 21709, também em sufrágio da alma de sua Mãe. O dobro de Lúcia, «por alma de meu falecido Pai».

Benditos sufrágios!  
Mais 500\$00 de Aveiro, de senhora muito amiga. E 250\$00 de Abadia (Leiria), que, além do mais, nos diz: «Gostaria de poder mandar mais alguma coisa. Mas, de momento, não posso. Esta importância é tirada da minha pequena reforma de invalidez». E, por fim, 400\$00 da assinante 18121.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## VIVO

Amo as flores  
E os pássaros desta terra!  
E os camponeses  
Que trabalham o mato na serra.

Amo a harmonia dos campos  
Com gado bovino a pastar.  
É o rapaz que o está a guardar,  
De olhar pensativo...  
Com a flauta na mão,  
Desejando entoar  
Melódica canção.

Amo a vida,  
Embora dura e difícil!  
E a juventude  
Que sabe porque luta...  
Ser livre para amar  
O amor e o que diz...  
É razão forte  
Para qualquer disputa.

Amo a verdade  
Que sai das profundezas do coração,  
É a liberdade  
Que faz de qualquer cidadão  
Independente e feliz.

Amo a coragem dos que sofrem  
Pedindo justiça numa prece,  
E a esperança que não morre  
Quando se pretende desejar,  
Por meios humanos,  
Paz na terra,  
Igualdade entre os homens.

Amo os sentimentos do sublime,  
Dos poetas revolucionários  
Que são pessoas  
Competentes e sensatas  
Para aliviar este mundo desordenado.

Manuel Anândio



# DOCTRINA

Cont. da 1.ª pág.

Hoje escutamos o profeta Isaias, o apóstolo Paulo, o percursor João Baptista. Todos estes à volta do grande Mensageiro que é Jesus Cristo.

No nosso tempo, Deus enviou outros; e no meio de nós esteve — e está — o mensageiro Padre Américo. A celebração desta Eucaristia na Casa do Gaiato continua a ser mensagem de Deus por Padre Américo — Pai Américo como costumamos tratá-lo. Mensagem de Deus aos homens para que se amem, para que construam a Paz, para que formem Seu Reino.

Por amor a este Reino de Deus o Américo, com 35 anos e um futuro terreno cheio de promessas, deixa Moçambique, bate à porta do Seminário de Coimbra e quer ser sacerdote. Sacerdote aos 42 anos quer, como quinhão da sua vida, servir os mais pobres.

E, entre os mais pobres, procurou a criança mais carecida, abandonada, sem família ou família capaz, deitada ao lixo. E começaram a realizar-se Colónias de férias e depois começaram a nascer as Casas do Gaiato que hoje recolhem cerca de 800 filhos.

E entre os mais pobres estão as famílias abrigadas em barracas, amontoadas em currais, metidas em tocas e Portugal inteiro começa a ser semeado de casas do Património dos Pobres, hoje já alguns milhares.

E entre os mais pobres estão os doentes sem lugar para viver e morrer como seres humanos. E o Calvário surge como último cântico de Padre Américo e nele estão acolhidos cerca de 100 doentes.

Como naquele tempo com João Baptista, também Padre

Américo teve e tem acolhimento em muitos do seu e nosso tempo. Nós encontramos uma multidão faminta desta mensagem. Deus, connosco, tem continuado a fazer maravilhas.

Mas olhando agora para a nossa sociedade e querendo vê-la também uma sociedade feliz, Reino de Deus, encontramos ainda uma sociedade pagанизada, embora constituída — na sua maioria — por baptizados. Homens instalados nos seus ideais, nos seus tronos, nos seus vencimentos, no seu «eu» e assim não podem construir a paz. Homens escravizando mulheres — e mulheres escravizando homens; filhos a nascer sem pais e pais a não querer ter filhos — não temos famílias animadas pelo amor. Homens dominados pelos instintos e pelas paixões não podem construir vidas felizes.

Olhamos por Portugal além e quantos na terceira idade anseiam por acolhimento familiar e sentem-se abandonados!

## Natal

Cont. da 1.ª pág.

Ela é capaz de imprimir; atravessará com Ela a vida; e subirá em glória o troço vertical por onde o Verbo desceu à Terra em humildade e ascendeu Triunfador da morte.

O Mistério do Natal, pórtico do Mistério da Redenção! Sublime, sim; de poesia fácil nada tem; nem foram os homens de Deus que o poetizaram!

As descrições líricas dos tempos messiânicos que os Profetas escreveram, na sua irrealização vinte séculos passados sobre o nascimento de Jesus, são uma denúncia trágica do orgulho dos homens, da persistência na tentação de Babel, de uma salvação por si-próprios — a constatação da esterilidade da nossa Terra se antes não for recebida a fecundidade que Deus lhe quer dar. E tantos que não querem receber! Tantos para quem Jesus ainda não nasceu!

Ali na sanzala, frente ao Povo ávido de Verdade e Salvação; no meio de pequeninos nus, outros chorando às costas das mães; perante um homem que na hora da Comunhão vem em simplicidade pôr o seu problema de consciência; dos pais que no fim haviam de gemer suas faltas de alimento e de vestuário para os filhos; na lembrança de outros, mais longe, que todos os dias morrem sem culpa — senti profunda e tremenda a responsabilidade que sobre nós pesa de ainda tão pouco e mal aproveitado o manancial infinito de Amor, Justiça e Paz que nos é dado no Mistério da Encarnação.

Padre Carlos

Olhamos pelo mundo fora, especialmente por toda a Europa, e encontramos imensos homens que deixaram esposa, filhos, berços e tudo o que lhes era querido para irem à procura de pão, sem conhecimento de línguas, sem nada para os receber!

Olhamos pelo mundo fora e encontramos milhares de famílias portuguesas que, obrigadas a emigrar, sentem amargamente a ausência da Pátria!

Olhamos Portugal além e encontramos uma multidão de retornados — desalojados — a suportar a vida sem esperança, vítimas geralmente de negócios alheios!

Olhamos Portugal inteiro e encontramos doentes sem conta à procura de médico e remédios, a morrer à espera de lugar para viver!

Olhamos a nossa juventude e parte dela continua à deriva, sem aulas, sem responsabilidade, sem condições sérias para que seja construtora duma sociedade mais equilibrada, mais

justa, mais feliz no dia de amanhã!

Olhamos por nossas terras e encontramos-as cheias de pessoas com deficiências mentais — especialmente crianças — e pouco ou nada temos para sua recuperação!

Testemunhando neste momento a vida dos padres da rua nas Casas do Gaiato e do Calvário, nós sentimos a amargura de não podermos dar resposta de acolhimento a todos aqueles que batem às nossas portas. Eles são tantos!...

Estou com os olhos nos dois últimos que chegaram a esta nossa Casa. Um veio de uma creche. Já não tinha idade para ali continuar. O pai faleceu. A mãe está internada num hospital de psiquiatria e em estado grave. Tem mais irmãos. Outro tem pais e irmãos mais novos. O pai é alcoólico e a mãe incapaz de educar. Era fugitivo e roubava. Foi o conselho escolar da sua terra que nos pediu para o recebermos. E os nossos olhos estão a ver tantos outros nas mesmas ou piores condições!...

No último correio recebemos carta de Ribeira Brava, da Ilha da Madeira. Uma casa para uma viúva aflita com seus filhos. Nos últimos dias passaram por nossas mãos tantas

cartas com aflições de irmãos nossos que vivem o martírio de não ter casa!...E há tantos irmãos instalados em palácios e há tantos outros com casas vazias!...

Aproximam-se as Festas de Natal. Jesus Cristo quer renascer em cada um de nós. Renasce em nós pela nossa conversão e nosso compromisso na construção de Seu Reino. E a construção deste Reino é trabalho de cada um.

Isaias sonha com este Reino que há-de vir: Reino de Paz, Reino de Justiça, Reino de Amor. Reino de Bem. Reino onde todos se não-de amar. Não haverá ódio, não haverá fome, não haverá guerra, não haverá feras. Ai dos violentos e dos ímpios!

É sonho. Mas é sonho que Paulo, João Baptista, Padre Américo e outros nos ensinam a realizar: um Mundo Melhor, o Reino de Deus. Mundo e Reino onde todos os homens se sintam Irmãos. Será a realização deste sonho uma grande prenda de Natal.

Feliz Natal para todos!

(Da homilia na celebração da Eucaristia, transmitida pela R.D.P., no domingo, dia 4 de Dezembro).

Padre Horácio

## UMA CARTA

«Envio a minha quota mensal, mas vou mandar mais alguma coisa este mês e nos meses que puder repetirei. São 50\$90 para O GAIATO, que queria nunca se esquecessem de m'ó mandar, e outros 50\$00 para o que precisarem, para algum Pobre ou o que for preciso.

É pouco, mas Deus nos dê este pouco para dar, que há quem tenha tanto e ainda se queixa. Esses nunca ficam saciados. Que será dos que não têm nada?!

Tenho ouvido algumas pessoas — que nada lhes falta — dizerem que, agora, não há Pobres! Mas parece-me que cada vez há mais. Quem me dera que fosse verdade...

Muito gostaria de poder fazer alguma coisa a favor da Humanidade, que anda tão perdida. Como seria bom que nós, pessoas deste mundo, pudessemos pensar que Deus deu o mundo para todos nós vivermos enquanto por cá andarmos e não para sermos senhores dele.

Eu penso muito no tempo que o mundo atravessa, o que nos esperará.

Li uma vez a Bíblia e lá aprendi muito coisa. Gostava que muitas pessoas que só pensam em ganância, vaidades, egoísmo — infelizmente é o que há mais! — que A lessem para aprenderem o que Ela representa, pois é no amar o Próximo como a nós mesmo que o mundo melhorará.

O vosso jornal, os vossos livros são obra de um Homem que veio ao mundo amar o seu Semelhante mais necessitado, porque deles é o Reino dos Céus...»

É uma carta da Senhora da Hora.

## ORDINS

Mais um ano passou, cheio de incertezas, contrariedades, lágrimas e dores. Que o Senhor Jesus tenha compaixão desta pobre humanidade e nos dê um Ano Novo com mais amor e compreensão, uns para com os outros.

O indivíduo que não se interessa pelos demais é o que tem maiores dificuldades na vida e o que causa maiores danos aos outros. É tempo, já, de nos deixarmos de egoísmos, ódios, malquerenças que não conduzem a nada. Tenhamos sempre na nossa mente as Obras de Misericórdia e apliquemo-las, com todo o amor e carinho, aos nossos Irmãos pobres.

Devem estar lembrados que, no último artigo que fiz, pedia a vossa ajuda para melhorar a alimentação de uma Doente. É triste dizê-lo (o que nunca me aconteceu!) só uma senhora de Guimarães correspondeu com 500\$00. No entanto, continuo a olhar por ela,

embora me esteja a endividar na loja. Mas confio em Deus. Ai de nós se perdéssemos a fé!

Vai aqui um agradecimento muito especial para aquelas duas irmãs de Lisboa que nunca faltam mensalmente com a sua migalhinha para os Pobres. Também para aquele Senhor do Cacém, pela sua persistência há tantos anos, de mandar fazer, aqui, agasalhos para os Doentes do Calvário. Desta maneira dá trabalho às nossas raparigas que, graças a Deus, não tem faltado, principalmente tecelagem.

Apreciam muito as nossas colchas. Fazemo-las todas em algodão para cama de casal, a 1.500\$00; em fibra, a 1.700\$; para solteiro, com 1,60m de largura e 2,50m de comprimento a 900\$00 e 1.000\$00.

Eis o nosso endereço: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares (Douro) — Telefone 95142.

Maria Augusta

## MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO

Cont. da 1.ª pág.

forma simples e prática de irmos ao encontro de muitos; e, também, para despertarmos a curiosidade de outros, já que a vida, hoje — e como alguns nos confessam expressamente — é uma corrida vertiginosa contra o tempo, sobretudo nos grandes meios urbanos. Mas isto não obsta a que o estimado leitor — para ganhar vez — se disponha a entrar em contacto connosco imediatamente, solicitando já o segundo volume do DOUTRINA ou qualquer outra obra de Pai Américo.

Aguardamos.

Júlio Mendes

## Raoul Follereau

O «Apóstolo dos Leprosos» sucumbiu em Paris, com 75 anos.

Na esteira de Padre Damião que, noutros tempos, «a tal ponto se identificou com os Leprosos que se fez Leproso», Follereau doou-se totalmente à luta contra a lepra durante perto de meio século — com o auxílio da esposa; empenhando-se, ainda, em que os Doentes, para além da necessária assistência, fossem tratados como todos os outros homens. «O Mandamento Novo, na expressão de Jesus Cristo.»

Assim, Raoul Follereau instituiu, em 1954, o «Dia Mundial dos Leprosos», comemorado anualmente em cerca de 140 países do mundo.

Mais uma luz que reflete no Céu!

Júlio Mendes



Completam-se hoje, 14 de Novembro, 14 anos sobre a data em que pisaram terra angolana os dois grupos fundadores das Casas do Gaiato de Malanje e de Benguela. Dois dias depois, chegaria cada qual ao seu lugar de trabalhos, onde se semeou com denodo e sacrificio o que agora se vai colhendo em muitos trabalhos, mas com muita alegria.

Catorze anos é um marco na vida do Rapaz. Porque não vamos de o considerar também, numa comunidade de Rapazes, erguida e mantida por eles, para eles?! Tenho-o sentido e pensado bastante nestes dias passados em Malanje, onde a pobreza dos meios não permite sequer outra alternativa que não seja a estruturação da vida sobre os Rapazes, nos quais se percebe um desabrochar de consciência da Obra, do seu papel activo e responsável na realização e crescimento d'Elá.

Esta idade abre, geralmente, um tempo de perturbação cujos estremecimentos, bem aceites e conduzidos, definem e consolidam a forma do futuro homem. É um período de contradições. Não pode ser brilhante nos seus efeitos imediatos. Requer paciência, «esperança activa» dos adolescentes e adultos comprometidos no mesmo esforço de gestação. Até que surja o homem encontrado consigo próprio —

condição sine qua non para se encontrar com os outros. É a idade dos interesses sociais, políticos; a assunção da consciência de cidadania; a incorporação na sociedade como sujeito de direitos e deveres.

Uma Casa do Gaiato com 14 anos — e, concretamente, as Casas do Gaiato de Angola — tem de contar com este transe e preparar-se para o ultrapassar na esperança de um advento de homens que lhe permitam os quadros próprios, sem dúvida necessários, para os quais a pobreza actual é estímulo forte.

A Pobreza, aliás, é o caldo de cultura da verdadeira grandeza. Que outra maior do que o Reino dos Céus? E Ele será propriedade dos Pobres em espírito, os quais hão-de perseverar e crescer em tal espírito pelo exercício da pobreza efectiva, mesmo quando as circunstâncias não a tornam forçada. «A nossa Pobreza é a nossa riqueza», deixou-nos Pai Américo em testamento — do que jamais experimentámos logro.

Em Malanje viveram-se horas dramáticas e de vazio total de bens que pareciam imprescindíveis. Graças a Deus nunca nos faltou o necessário; e foi possível, e continua sendo, uma partilha que providencia a tantas carências em redor. Austeridade é aqui um substantivo muito concreto, muito substancial, que só ela

explica o milagre da suficiência sempre conseguida.

Porém, o vazio mais difficil de preencher é o das pessoas. É aqui que a Pobreza atinge maior sublimidade. Em Casa e para o exterior, há que «sermos tudo para todos» e inventarmos em nós o que nunca aprendemos. Rouparia, cozinha, despensa, limpezas, quinta, gado... — tudo está sob a immediata e suprema responsabilidade de Rapazes. E não se pense que é tarefa fácil servir três vezes ao dia uma comunidade de noventa bocas com bom apetite, vestir de lavado duas vezes por semana (fora o lote da roupa domingueira) outros tantos corpos. Nem é para brincadeiras o encargo de cultivar dezenas de hectares dos mil cuja maior parte é reservada a pasto das quatrocentas cabeças de gado bovino.

Claro que as coisas não correm impecavelmente. Na parte doméstica, sobretudo, é sensível a falta de uma Senhora com garra e dedicação para mergulhar na vida. Encontrase aqui um retrato muito fiel da nossa «desorganização organizada». Mas é notável que, embora desorganização seja o substantivo, a tónica recai no adjectivo o bastante para que as falhas da desorganização sejam compensadas, sem quebra do ritmo da vida nem frustrações da eficacia final. Tenho-me encontrado muito com Pai Américo e sofrido a incapacidade para tantos instantâneos de «Isto é a Casa do Gaiato» de que não faltam oportunidades. Saboreia-se aqui um paladar primitivo que as Casas mais velhas já não oferecem tão castiço.

Porém, o destino das pessoas é crescer. Por muito graciosa que a infância seja, ninguém quer ficar criança toda a vida. Catorze anos é idade para fazer pensar a presente geração de chefes sobre o seu dever de amadurecimento a adquirir e a transmitir aos que depois deles hão-de ir assumindo responsabilidade, a fim de que, progressivamente mais conscientes da Obra, mais preparados para A servir, produzam o ambiente no qual há-de surgir a vocação dos «raros» que constituirão os quadros responsáveis permanentes em volta do padre, prontos a aliviá-lo no seu cansaço e a garantir a continuidade da acção.

No Culamuxito, como em Benguela, num raio de muitos quilómetros em redor, as Casas do Gaiato são presenças de Cristo vivo na Sua Igreja — presenças até agora invioladamente respeitadas e estimadas, que nos cumpre tornar ainda mais respeitáveis e amáveis, na medida em que, a tantos bens repartidos nestes 14 anos se vão somando outros bens que, cada vez mais conscientemente, todos devemos partilhar. É o sentido desta obrigação que se deseja sempre crescente e se espera que cresça comunitariamente, mercê do esforço de cada um, neste alvorecer dos 14 anos de vida.

Padre Carlos

Um conjunto de circunstâncias e motivos levaram-me ao Brasil durante o mês de Novembro. Não podemos dizer que a vida tivesse parado no Lar de S. Domingos; ou, um pouco mais distante, naquele lugarejo onde vivem cem famílias a pedir uma delicada atenção.

Tudo se processou normalmente. Mas não deixou de oferecer ocasião para refletir e tomar novas atitudes; ou reforçar propósitos que há muito se tinham feito. A ausência num lado e a presença no outro, foram dias que deram a conhecer o valor e a força do amor das nossas actividades. Foi possível dar fé do lugar que ocupam na nossa vida os que deixámos e os que fomos encontrar. Uns e outros deram testemunho de que vale a pena viver quando se ama de verdade e por motivos superiores. Não tem sentido a vida quando as acções são rotineiras, ou por dever de officio, ou mecanizadas, ou só porque no fim do mês há um ordenado, ou porque não passamos duns mercenários. Quantas vezes se fala de amor, de paz, de confraternização universal, de união, com extrema superficialidade!!! Tudo isto nos deixa a alma vazia e a nossa boca profere palavras que não são vida, nem amor.

Daqui partiam cartas que levavam notícias e em que as letras mais pareciam o ritmo do coração a traduzir o desejo de que voltasse depressa.

No Brasil, os encontros com familiares e amigos eram horas altas de entusiasmo e alegria, num grito constante de que ficasse mais tempo.

Recordo o dia chuvoso, mas

cheio de emoções, que se passou em Campo Grande. Todos trabalhavam e todos procuravam dar alegria aos presentes. Como o mundo seria outro se houvesse a preocupação de à nossa volta espalhar sorrisos, bondade, amor sem cálculo, e collocarmo-nos à disposição dos Irmãos! E o mesmo sentir foi em Juiz de Fora e na Ilha do Governador. Era o mesmo sangue a correr nas veias de todos. Num silêncio que se fez, falámos de Pai Américo e da Obra da Rua. Todos ficaram convencidos de que brincar com os Pobres é o maior sacrilégio. Nesse silêncio foi possível escutar a voz dos que defendem os famintos e os que precisam. Na Ilha do Governador o sol espelhava na piscina e dava boa disposição aos corpos e alegria às almas.

Os momentos de forte satisfação multiplicaram-se ainda pelos encontros em Grajaú, Jardim Botânico, Catete, Ipanema, Tijuca, Copacabana e particularmente na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro. Falar deste último e da viagem à cidade de Santos, é descrever situações que não voltam a repetir-se e que será melhor deixar para outra crónica. Hoje, só falta dizer que no Colégio Santa Maria, no Meier, e na Rua Cónego Tobias fomos felizes por estarmos reunidos e viver na alegria da Amizade.

Agradecemos as ofertas ali recebidas para o Lar de S. Domingos, Lamego, e para a pequena povoação que nos espera. Mas agradecemos muito mais os dons espirituais com que nos encheram o coração.

Padre Duarte

## AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

mesmo passada a crise, não lhe poderemos pedir mais nada. Bem basta o sacrificio e o trabalho realizados ao longo de dezenas de anos, sem reticências ou reservas de qualquer espécie, e de contar mais de 70 anos! A propósito, nesta hora difficil, queremos lembrar outra «Mulher forte», à maneira do Evangelho, que tendo acompanhado até aos últimos instantes da vida um dos nossos, acabou por pagar com a vida, passados dez dias, a sua abnegação e o seu desvelo.

Não temos o direito de desanimar. Confiamos. Compartilhar com todos as nossas preocupações é um dever e uma necessidade. Quem sabe, até, se alguém, ao pôr os olhos sobre estas despretensiosas linhas se disporá a dar sentido à vida

e a mergulhar na aventura de se fazer mãe dos que não a têm? Seria a melhor prenda de Natal que desejaríamos e atrevemo-nos mesmo a pôr o nosso pobre sapato na chaminé da Providencia! Ao menos, depois, para lá do mais, tiraríamos de cima um grande peso: duas crianças sem pais, de dois anos, seriam nossas por haver quem delas tratar!

Este número de O GAIATO sai nas proximidades do Natal. Aproveitamos, pois, o ensejo para a todos desejar Santas Festas e que o Menino Deus penetre o coração dos homens em ordem a um Mundo mais justo, sem ódios e sem guerras.

(Casa do Gaiato de Lisboa — Tojal — Loures)

Padre Luiz

## Malanje

● Após as eleições, que referi no último número, o «Sansão» — chefe eleito — ficou também com o encargo das despensas. Tónio tomou conta da rouparia e alfaiataria (não temos Senhora em Casa). E quanto trabalho e dedicação são precisos para ter a roupa de cem rapazes em ordem! Carlos «Banana» ficou com o escritório e limpezas. Tonito orienta a cozinha.

● No planalto malanjino, depois da prova de fogo com queimadas sucessivas, a terra estremece com o ferver da seiva.

Os campos ficaram verdes.

Floriram as acácias rubras.

E, nas noites de chuva, caem as mangas maduras.

Os poentes, sempre bonitos e únicos!

● Diz Pai Américo que «não se compreende um cristão que não seja um verdadeiro socialista». Assim é!

Um cristão verdadeiro:

Pensa nos outros;

Reparte com eles;

É pela repartição justa das riquezas;

Participa no trabalho colectivo;

Ama a Comunidade;

Sente-se um com os mesmos deveres e direitos que

os outros;

Não tem ambição de riqueza;

Pão-nosso-de-cada-dia;

Ama o salário justo;

Procura merecê-lo;

Respeita todos os outros e ama-os;

Sente-se companheiro de todos os homens;

É contra os privilégios.

Ainda como cristão:

Crê em Deus e ama-O;

Transcende-se;

Põe em todas as coisas o sentido da Eternidade.

Padre Telmo



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa